

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Intervenção urbana: uma prática artística a ser pensada no ensino de artes visuais

Vanessa Cristina Dias – Universidade Federal de Pelotas
Maristani Polidori Zamperetti – Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A partir de uma intervenção urbana que dialoga com uma arquitetura possível, o presente texto problematiza questões acerca da linguagem artística e da possível promoção de sentido à que a atividade se propõe, no que tange ao ensino das Artes Visuais nas escolas. Conta com o apoio de teóricos da educação e da arte, que versam sobre as potencialidades desta linguagem como Martins (1998) e Maturana (2005), dentre outros. A partir desta experiência conclui que a importância da busca por reflexões profundas através de ações como sentir, perceber, discernir e interpretar poderão contribuir para a modificação da visão e do contato com o mundo, tanto na formação dos estudantes como na de futuros professores de Artes Visuais.

Palavras-chave: intervenção urbana; educação sensível; artes visuais.

A investigação se baseia no processo e prática de uma atividade de ensino e pesquisa proposta como trabalho final da disciplina de Artes Visuais na Educação I, integrante do currículo do terceiro semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura (Centro de Artes/UFPel). Enquanto uma disciplina de pré-estágio, foi proposto um exercício em que os discentes deveriam pensar em uma atividade possível de ser desenvolvida na escola, mesmo que futuramente em sua vida profissional. Sendo escolha do acadêmico, a faixa etária e o número de pessoas envolvidas na atividade.

Considerando a questão do ensino da arte, optei por escolher uma linguagem artística, aparentemente menos utilizada nas escolas. A Intervenção Artística Urbana[1], muito difundida e conhecida no Brasil, a exemplo do Grupo Poro, foi a linguagem elegida. O Grupo Poro realiza intervenções urbanas desde 2002 e uma destas, realizada em 2010, “Perca tempo” no Centro e Pampulha – Belo Horizonte, MG, consiste em uma ação de abertura de uma faixa nos cruzamentos, enquanto o

[1] Intervenção Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos. [...] Mais do que marcos espaciais, a intervenção urbana estabelece marcas de corte. Particulariza lugares e, por decupagem, recria paisagens. Existem intervenções urbanas de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos (stickers) até grandes instalações artísticas (INTERVENÇÃO URBANA, 2018).

sinal de trânsito está fechado. Ao mesmo tempo pessoas distribuem panfletos com a inscrição: “Perca tempo”. Há também uma banca de informações, na qual são distribuídos os panfletos intitulados “10 maneiras incríveis de perder tempo”. Para o trabalho desenvolvido neste projeto foi utilizada a intervenção “Azulejos de Papel” (Fig. 1), onde “[...] imagens de azulejos impressas em papel jornal são coladas em muros de casas e lotes abandonados, ou casa de amigos e também distribuídas para que as pessoas façam suas próprias instalações” (ALMEIDA, 2011). Pensando sobre a intervenção artística e o ensino de arte, Mirian Martins nos explica:

> Pensar o ensino da arte é, então, pensar na leitura e produção na linguagem da arte, o que, por assim dizer, é um modo único de despertar a consciência e novos modos de sensibilidade. Isso pode nos tornar mais sábios, seja sobre nós mesmos, o mundo ou as coisas do mundo, seja sobre a própria linguagem da arte (MARTINS, 1998, p. 46).



Figura 1: PORO, 2009. Fonte: http://poro.redezero.org/intervencao/azulejos-de-papel/concordia-belo-horizonte-mg/

A partir desse pensamento, com relação a proposta da atividade, como uma primeira experimentação, ponderei a colaboração de duas colegas da mesma disciplina, pensando num diálogo colaborativo através da experiência vivida. Lais

Possamai Tavares (19 anos) e Veronica de Lima (22 anos) foram as duas colegas participantes. O local escolhido para a atividade foi um prédio na Rua XV de Novembro, em frente ao Mercado Público, região central da cidade de Pelotas, na data de 30 de junho de 2018, com uma duração de 40 min.

O objetivo da atividade de intervenção foi a disposição em forma de colagem de pedaços de fita isolante na fachada de um prédio, dialogando com a arquitetura disponível. Este texto pretende analisar o processo e o resultado da atividade e, problematizar questões acerca da linguagem artística e da possível promoção de sentido à que a atividade se propõe, no que tange ao ensino das Artes Visuais nas escolas.

Através deste estudo, por meio de pesquisa qualitativa, proponho-me a investigar o processo de intervenção na arquitetura, por meio de desenhos – linhas retas formadas por pedaços de fita isolante preta – apresento a seguir uma breve descrição da atividade de ensino realizada com as colegas, Lais e Veronica.

A atividade foi pretendida a ser uma experiência efêmera, na qual utilizamos um rolo de 20m de fita isolante e buscamos escolher um prédio abandonado com uma arquitetura/fachada com a qual pudéssemos colar a fita sem grandes problemas. A escolha do local, levou cerca de 20min, pois circulamos pela região central a fim de encontrar o melhor local possível, nos deparamos com um prédio em frente ao Mercado Público, que nos chamou a atenção pelos formatos presentes nas aberturas.

Então, com materiais de fácil acesso, como fita e tesoura, nos certificamos de que poderíamos realizar a intervenção, ao constatar que o prédio realmente estava abandonado, começamos a colar os pedaços de fita de forma espontânea (Figura 2). De forma fluída, sem grandes interrupções, colamos os pedaços de fita, formando desenhos geométricos na tentativa de dialogar com a arquitetura, concluímos em 40min, todo o processo (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2: Início da intervenção.



Figura 3: Parte do processo.



Figura 4: Etapa final da intervenção.

Durante a execução da intervenção, passaram por nós alguns olhares curiosos. Uma criança que aparenta ter entre 4-6 anos de idade, questiona uma mulher com quem andava de mãos dadas: "O que elas estão fazendo?", a mulher prontamente respondeu: "Isso é arte", nos deixando para trás. Ficamos surpresas e felizes por sua resposta, ainda que breve, nos mostrando o quanto a relação com espaços sociais comuns, são importantes. O depoimento de Lais indica a relevância da intervenção artística na cidade e sua relação com a transformação dos olhares em relação a esta:

> Penso que a intervenção urbana é pautada na necessidade de transformação estética da cidade e dos seus meios. No caso de Pelotas, uma cidade marcada pelo historicismo e pelo abandono arquitetônico, com demandas sociais urgentes e sucateamentos diversos nas condições de vida da população, a intervenção assume um caráter político ao se opor à desatenção dos órgãos públicos e chamar os olhos de quem passa para as paredes, já há muito esquecidas. No caso da intervenção em questão, na qual fizemos uso de um material simples como é a fita isolante, de apelo estético quase moderno por sua aparência e aplicação, conseguimos transpor a história da fachada sem interrompê-la, criando um foco de atenção baseado no estranhamento. O casarão, tão semelhante aos outros casarões abandonados, adquiriu por um certo tempo uma nova fachada, mais presente e viva (LAIS. DEPOIMENTO, 2018).

Desta forma, o pensamento de Lais traduz a necessidade de estranhamento em relação ao que é ensinado na escola. O espaço urbano e suas transformações

poderá se constituir em espaço educativo? Paulo Freire aponta na direção convergente à liberdade exploratória na difusão dos saberes instituídos, sugerindo que o que está na vida pertence ao espaço de conhecimento escolar.

> Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja uma atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (FREIRE, 2008, p.44).

Ainda sobre o processo de colagem, tivemos de lidar com questões da espontaneidade, da efemeridade, e possíveis acasos, como a fita não vir a colar totalmente em algumas partes da parede, devido a umidade, por exemplo. Mesmo estas ações imprevisíveis podem vir a se tornar metodologias de ensino de desenho, ou seja "[...] ações didáticas fundamentadas por um conjunto de ideias e teorias sobre educação e arte, transformadas em opções, atos e concretizadas em planos de ensino e projetos ou no próprio desenvolvimento das aulas" (FERRAZ E FUSARI, 2001, p. 11). Ou seja, atividades de experimentação de materiais e elementos constitutivos, quando constantemente ratificadas e retomadas, podem vir a compor um repertório visual-imagético para alunos e professores.

Podem contribuir, da mesma forma, para desmistificar a frase tão conhecida "eu não sei desenhar", a qual faz referência a um tipo único de desenho, ou seja, "[...] um desenho que tenta representar as coisas exatamente iguais ao que são na realidade" (MAZZAMATI, 2012, p. 28). Neste processo, a grande maioria dos alunos idealiza a representação da imagem de uma suposta realidade num desenho, porém, sabemos que existem outros tipos de desenho e formas de desenhar, que não buscam representar formas da realidade e sim, criam novos mundos, ideias e até mesmo, propiciam sensações.

Tanto as questões da efemeridade, como de metodologias propositivas, ou mesmo o “não sei desenhar” serão situações com as quais lidaremos constantemente, dentro da escola ou fora dela (Figura 5), conforme Mirian Martins explica:

> Nesse confronto artístico, há em nós uma sensibilidade vigente que atenta também para o que é imprevisível, que nos conduz ao aproveitamento do acaso, incorporando-os ao processo de criação, tanto no sentido de acréscimo como no de ruptura/início de novas possibilidades no fazer artístico (MARTINS, 1998, p. 57).



Figura 5: Resultado final.

Pensando em levar a atividade para a escola, considero o pensamento do Rubem Alves em "A educação dos sentidos e mais..." (2005), pertinente para entender a importância da educação de um olhar sensível para o mundo que nos cerca. Para ele “O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.” (ALVES, 2005, p. 23)

Além disso, para Rubem Alves (2005) diz que é mais importante saber fazer as perguntas do que saber as respostas. Este olhar mais apurado e questionador, certamente será mais perceptivo com o seu entorno, conseguindo ampliar o diálogo entre ser, estar e interferir no mundo. Desta forma, entendo que devemos nos preocupar com questões de aproximação com o local de pertencimento, como explica Humberto Maturana:

> (...) é necessária uma postura reflexiva no mundo no qual se vive; são necessários a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem a

> premência da competição. Se aprendi a conhecer e a respeitar meu mundo, seja este o campo, a montanha, a cidade, o bosque ou o mar, e não a negá-lo ou a destruí-lo, e aprendi a refletir na aceitação e respeito por mim mesmo, posso aprender qualquer fazeres. Se a educação no Chile não leva a criança ao conhecimento de seu mundo no respeito e na reflexão, não serve para os chilenos nem para o Chile. Se a educação no Chile leva a aspirações que desvalorizam o que nos é próprio, convidando a um pensar distante do cotidiano na fantasia do que não se vive, a educação no Chile não serve nem para o Chile nem para os chilenos. (MATURANA, 2001, s/p).

Sendo assim, precisamos buscar enfocar nossos olhares para proposições que buscam dar sentido à realidade dos alunos, um bom modo, é relacionar arte e vida, neste caso, arte relacionada a vida dos alunos na cidade de Pelotas. A arte quando realizada em espaços públicos pode aproximar as pessoas e promover uma série de transformações, cognitivas, sensitivas ou até físicas. Essas intervenções contribuem para que se tenha uma reflexão sobre o meio que se vive.

Na tentativa de unir o desenvolvimento estético dos alunos relacionando aos assuntos cotidianos, se faz necessário a intersecção de um olhar estético apurado para o mundo e sensibilidade às questões cotidianas de convivência com o mundo ao redor, pois como Marly Ribeiro Meira explica, é necessário:

> Repensar o alcance e o significado da atividade artística e o campo epistemológico e relacional da estética implica considerar o que é necessário, para que a experiência estética seja, ao mesmo tempo, um fator de emoção, sentimento e num nível mais complexo, reflexão, tanto sobre a arte, como sobre a vida (MEIRA, 2003, p. 128).

No desenvolvimento de um pensamento abrangente e integrado, podemos considerar as contribuições da educação do olhar, principalmente do olhar estético, e o quanto isso pode auxiliar na reflexão sobre nossa relação com a cidade e suas arquiteturas. Sendo assim, considero a importância de promover o desenvolvimento estético dos sujeitos cognoscentes para que entendam, desde os primeiros anos de vida, a intersecção da Arte com a Vida. Pois a arte pode ser um instrumento de conhecimento de diversos valores, afinal ela é indissociável de outros temas que circundam o ser humano, como Dora Maria Dutra Bay confirma:

> No entanto ainda persiste certa dificuldade no tocante a integração da arte nas ciências sociais - o que pode ser potencializado como um ganho, ao possibilitar abordagens transdisciplinares - porque as diferentes proposições existentes tendem a privilegiar um determinado enfoque, como o histórico, o psicológico, o filosófico ou o estético, descuidando da interação e articulação entre eles (BAY, 2006, p. 4).

Considerando os pensamentos abordados, a intersecção entre arte e vida, além dos temas que orbitam a vida em sociedade, são de extrema importância na concretização de um senso crítico-sensível em nossas crianças.

Sobre o trabalho desenvolvido com as colegas, notei alguns pontos a se considerar. O primeiro é que pensando em levar essa atividade para a escola, talvez ficasse difícil de se locomover pela cidade por longas distâncias com os alunos. A solução possível seria se manter nos arredores da escola, ou utilizar a própria arquitetura da escola para a atividade. Também é possível organizar uma caminhada com outros colegas professores propondo alguma atividade interdisciplinar, ou mesmo, dentro do possível, contando com a ajuda de monitores da escola.

Sendo assim, é importante compreender quão rica uma saída da sala de aula pode ser. Trabalhar ao ar livre, descobrir os espaços, observar as arquiteturas, podem ampliar o olhar sensível e estético dos alunos, a fim de se tornarem mais perceptivos ao que os cerca. O segundo ponto é a relevância da inserção de sentido para que os alunos possam desenvolver um olhar mais crítico e aprofundado, tanto no que tange a arte, a arquitetura, quanto no que tange nosso mundo frágil e efêmero.

Entendo que a inclusão de atividades que unam os locais próximos ao cotidiano desses alunos à produção artística, pode trazer benefícios para além do olhar, como por exemplo, fazer com que os alunos, que muitas vezes se encontram em locais de vulnerabilidade, criem uma sensação de pertencimento e de sujeitos agentes de mudanças. No qual fica clara a importância da busca por reflexões profundas através de ações como sentir, perceber, discernir, interpretar, e tais reflexões poderão contribuir para a modificação da visão e do contato com o mundo.

Enquanto futura docente, através da atividade realizada, entendo a necessidade de refletir também acerca do meio em que vivemos, dando mais valor não só a estética e crítica dentro de sala de aula, mas também fora dele. Por isso, a influência do Ensino das Artes Visuais enquanto auxiliador na busca por um olhar estético, sem separar este olhar estético de um olhar sensível é vital para cada indivíduo e sua comunidade, se refletindo no senso crítico e na autonomia reflexiva e criativa.

Referências

ALMEIDA, Anderson. In: CAMPBELL, Brígida; TERÇA-NADA, Marcelo. *Intervalo, respiro, pequenos deslocamentos – ações poéticas do Poro.* ISBN: 978-85-98600-14-7. Nº páginas:192, 15 x 21 cm, Miolo em papel Pólen 90g, Capa dupla em papel Supremo 250g, janeiro/2011.

ALVES, Rubem. *A educação dos sentidos e mais...* Campinas, SP. Ed.: Verus, 2005.

BAY, Dora Maria Dutra. *Arte & Sociedade:* Pinceladas num tema insólito. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, FLOPIS, n.78, p. 1-18, 2006.

INTERVENÇÃO URBANA. Site. Disponível em: <http://www.intervencaourbana.org/> Acesso em: 30.ago.2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia:* Saberes necessários à prática educativa. 37ª ed. São Paulo, SP. Editora Paz e Terra S/A, 2008.

FUSARI, Maria F.; FERRAZ, Maria Heloísa. *Metodologia do Ensino da Arte, fundamentos e preposições.* 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha T*. Didática do ensino da arte:* a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo, SP. FTD, 1998.

MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade.* Belo Horizonte, MG. Editora UFMG, 2001.

MAZZAMATI, Suca M. *Ensino de desenho nos anos iniciais do Ensino Fundamental:* reflexões e propostas metodológicas. São Paulo: Edições SM, 2012.



MEIRA, Marly Ribeiro. *Educação estética, arte e cultura do cotidiano.* In: Analice Dutra Pillar. *Educação do Olhar no Ensino das Artes.* 3ª ed. Porto Alegre, RS. Editora Meditação, 2003.